

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

FRANCISCO DE LAS BARRAS DE ARAGON—Notas sôbre restos humanos prehistóricos, protohistóricos y antiguos de España — «Actas y Memórias de la Soc. Españ. de Antrop., Etnogr. y Prehist.», t. XII, Madrid, 1933.

Continua o ilustre professor de Antropologia da Universidade de Madrid na meritória tarefa de estudar os caracteres de todos os restos esqueléticos humanos encontrados em estações arqueológicas espanholas. Está assim constituindo um verdadeiro *Corpus* antropológico que facultará elementos preciosos para o estudo da prehistória e história étnicas da Península Ibérica, impossível de fazer sem esta base objectiva.

No presente trabalho, o A. examina, entre outros, os restos humanos encontrados nas estações visigóticas de Herrera de Pisuerga e Hinojar del Rey, recentemente exploradas por Santa Olalla. Reúne os valiosos resultados obtidos aos que já publicara na mesma revista sôbre os documentos osteológicos recolhidos noutras necrópoles visigóticas espanholas, o que permite uma interessante ideia de conjunto sôbre os tipos físicos dominantes.

Das restantes observações publicadas neste trabalho por Barras de Aragon destacaremos a do famoso crânio de Alcolea, que pelo seu *torus supraorbitalis*, sugeriu aproximações com o tipo de Neanderthal. O A. reconhece que o desenvolvimento do *torus* é ali análogo ao dum crânio de Spy, mas, pela sua descrição e pelas fotografias, não se encontram outras afinidades neandertalianas marcadas. A fronte não é fugidia, o crânio é alto, não há compressão vertical do occiput. O prof. Barras de Aragon não diz nada sôbre a região mentoniana nos restos mandibulares dêste exemplar. Não estaria bem conservada.

O baixo índice cefálico, o alto índice vertical, a *norma verticalis*, o próprio *torus*, lembrem-me os exemplares de Combe Capelle, Brünn, Brux, etc., o pretenso *Homo aurignacensis* de Klaatsch, o *H. protoaethiopicus* de Giuffrida-Ruggeri. Será cabida esta aproximação? Não o posso dizer sem ver o exemplar.

A Barras de Aragon os maiores louvores pelo seu esforço tenaz e sistemático no estudo da Antropologia antiga do seu país.

MENDES CORRÊA.

S. A. S.—Bollettino del Comitato Internazionale per l'Unificazione dei metodi e per la sintesi in Antropologia ed Eugenia—
Vol. I, n.º 1, Bologna, 1934.

Dirigido pelo sábio antropólogo de Bolonha, prof. Fábio Frassetto, e publicado pelos professores V. Bounak (Moscou), E. Fischer (Berlin), F. Frassetto, K. Hilden (Helsingfors), Mendes Corrêa (Pôrto), G. Montandon (Paris), M. Steggerda (Long Island) e J. Weninger (Viena), saiu o 1.º fascículo do S. A. S. (Standardização Antropológica Sintética), boletim do Comité Internacional de Unificação de Métodos, organizado após o congresso realizado em Bolonha em Março findo.

O boletim publica os trabalhos de Bounak, Davenport, Frassetto, Montandon, Latarjet e Weninger, apresentados já àquele *Comité*.

É desnecessário pôr em relêvo a importância desta iniciativa. Desejamos-lhe, como à nova revista, o melhor êxito.

M. C.

LUÍS DE PINA—Le muscle petit dentelé postérieur et supérieur chez l'Homme et les Primates— «C. R. de l'Assoc. des Anatomistes», Lisbonne, 1933.

O A. tem tratado, no ponto de vista antropológico, de vários músculos: o trapézio, os rombóides, o grande complexo, o angular do omoplata e o costureiro. Para êsse estudo baseou-se em 129 exemplares de Primatas e em indivíduos portugueses. A série de Primatas fazia parte das colecções dos profs. Anthony e Loth, respectivamente de Paris e Varsóvia.

Na presente nota dá conta dos resultados das suas investigações sôbre o pequeno dentado póstero-superior. Sumariamente pode dizer-se que verificou diminuir dos Lemuróides e Hapalídios até aos Hominídeos o número das vértebras e costelas em que o músculo se insere. Tabelas minuciosas dão para cada grupo a frequência das inserções vertebraes e costais do referido músculo.

Uma valiosa contribuição de miologia étnica é constituída por êstes trabalhos de Luís de Pina.

M. C.

MARTHE ET SAINT-JUST PÉQUART—La nécropole mésolithique de l'île d'Hoëdic (Morbihan)— «L'Anthropologie» t. XLIV, Paris, 1934.

No Morbihan, a uns 30 kilómetros da ilha Téviéc em que os AA. fizeram anteriormente a exploração duma estação mesolítica,

encontra-se a ilha de Hoëdic, que em anos sucessivos tem sido objecto das cuidadosas pesquisas arqueológicas dos mesmos AA. Na presente nota êstes dão conta dos resultados dos seus trabalhos, relatando os achados por êles feitos num concheiro mesolítico, muito semelhante ao que exploraram em Téviéc. Encontraram 9 sepulturas, com restos de 13 indivíduos, dos quais 8 aproveitáveis para estudo antropológico.

No ponto de vista industrial, a necrópole de Hoëdic forneceu triângulos e trapézios, microburis, lâminas, etc., dos tipos microlíticos, não aparecendo, porém, nem cerâmica nem pedra polida. Algumas sepulturas continham hastes de veado, como em Téviéc, mas os espólios de Hoëdic são mais miseráveis. A fauna é pobre.

Estas explorações, que os AA. conduzem com o seu excelente método, bem conhecido, tem, para nós, o interêsse especial de fornecer confrontos para os achados, também mesolíticos, de Muge.

M. C.

BARBOSA SUEIRO—La trépanation crânienne chez l'homme néolithique des stations portugaises (Note de paléopathologie), sep. do tomo XIX das «Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal», 13 págs., 11 figs., Lisboa, 1934.

Examinando 19 crânios neolíticos de várias estações portuguesas, o A. verificou que 5 tinham sofrido uma trepanação incompleta. Nenhum caso de trepanação completa.

Dêsses 5 casos, dois haviam sido já descritos por Nery Delgado, um da gruta de Furninha (Peniche) e outro da Casa da Moura (Cesareda). Os 3 novos crânios descritos pelo A. são da gruta das Fontainhas (Serra de Monte Junto).

O prof. Barbosa Sueiro faz interessantes considerações sôbre a natureza e manejo dos instrumentos que teriam servido para realizar as trepanações descritas.

Por último reúne em síntese as várias hipóteses que tem sido apresentadas para explicar as trepanações do homem neolítico.

SANTOS JÚNIOR.

JOAQUIM R. DOS SANTOS JÚNIOR—A cerâmica campaniforme de Mairos— «In Memoriam Martins Sarmiento», Guimarães, 1933.

O norte de Portugal constituía uma área em branco na carta da distribuição da cerâmica do vaso campaniforme na Península,

segundo o belo livro de Albert del Castillo. As descobertas sucessivas daquela cerâmica eneolítica na Penha, em Pepim, em Outeiro Sêco, em Mairós, etc., permitiram a Santos Júnior preencher uma tal lacuna e dar uma sistematização nova dos grupos da cerâmica campaniforme no nosso país.

A importante estação eneolítica de Soutilha, Mairós (perto de Chaves), forneceu ao dr. Santos Júnior, seu descobridor, o principal material para esta notícia preliminar, que representa um considerável avanço aos conhecimentos anteriores sobre a referida época pré-histórica em Portugal.

M. C.

EUGÉNIO JALHAY — A adaga da Quinta da Romeira (Subsídio para o estudo da época do bronze em Portugal), sep. da revista «Brotéria», vol. XIX, fasc. I, 11 págs., 2 figs., Lisboa, 1934; *L'industrie de type asturien sera-t-elle une industrie purement locale?*, Reprinted from the Proceedings of the First International Congress of Prehistoric and Protohistoric Sciences; August, 1-6, 2 págs., London, 1932.

Estudo descritivo e comparado duma adaga de bronze, encontrada na Quinta da Romeira, freguesia de S. Vicente do Paúl, no limite do concelho de Santarém com o de Tôrres Novas.

O que torna êste documento arqueológico digno de especial menção é não só a sua grande semelhança com a conhecida adaga da Quinta da Água Branca, em Vila Nova de Cerveira, estudada por José Fortes, mas também o estado de perfeita conservação, sem a mais leve fractura, o que faz dizer ao A. ser «lícito admiti-la como o primeiro exemplar do país».

O sr. P.^o Jalhay faz considerações de ordem vária sobre as lanças, punhais e adagas encontradas naquela região do centro do país e no estrangeiro, o que o leva a considerar a adaga da Quinta da Romeira como pertencendo ao início da idade do bronze.

Contrariamente à opinião de alguns autores que consideram a indústria asturiense como puramente local, nascida, a bem dizer, por geração espontânea, sem ter antes de si estados evolutivos prévios, o sr. P.^o Jalhay, baseando-se na grande extensão desta cultura que se estende ao longo das costas atlânticas da África e da Europa, na coexistência em algumas estações de Portugal e da Galiza de instrumentos de tipo cheleo-acheulenses, (vd. «Trabalhos da Soc. Port. de Antrop. e Etnol.», vol. VI, fasc. I, pág. 72) na actual submersão marinha, pelo menos em parte, de algumas estações da Galiza e de Portugal, nos elementos de ordem estrati-

gráfica e faunística que permitiram duma maneira segura estabelecer para as estações de Santander (Astúrias) uma cronologia post-paleolítica e pre-neolítica, e ainda no facto de as estações da Bretanha, da Estónia e da Irlanda serem tidas como dum período muito próximo do mesolítico, ou mesmo francamente dêsse período da idade da pedra, admite, e com razão, que:

a) «L'industrie dite asturienne évolua du paléolithique et peut-être lui sera partiellement contemporaine dans quelques régions plus méridionales.

b) «L'industrie de type asturien suivit un itinéraire sud-nord (Afrique — Portugal — Galice — Asturies — Bretagne (?) — Irlande (?) — Esthonie (?). Il y eut peut-être un mouvement de peuplades asturiennes semblable à celui qui introduisit la culture capsienne dans la Péninsule Ibérique.»

S. J.

DR. JOAQUIM FONTES — Sobre algumas figuras rupestres do santuário pré-histórico do Gião — Sep. da «Revista de Arqueologia», 8 págs., 2 figs., Lisboa, 1932; *Figuras rupestres astrais no santuário pré-histórico do Gião (Arcos de Val-de-Vez)* — Sep. da «Homenagem a Martins Sarmento», 2 págs., 1 fig., Guimarães, 1933; *Várias modalidades do sinal cruciforme no santuário pré-histórico do Gião (Arcos de Val-de-Vez)* — Sep. do fasc. VIII da «Revista de Arqueologia», 11 págs., 13 figs., Lisboa, 1934.

A estação rupestre do Gião, a alguns quilómetros ao norte de Arcos de Val-de-Vez foi descoberta há anos pelo R. P.^o José Saraiva de Miranda.

Dentre as centenas de sinais gravados nos vários penedos da Chã do Gião, o A. aparta 18, que tem um particular interesse, pois é lícito considerá-los como figuras humanas em grupo e intimamente ligadas. Descreve cada um dos grupos procurando dar-lhe uma explicação lógica. Deve, no entanto, notar-se que se poderiam procurar também comparações com conhecidas gravuras trasmontanas.

Na segunda nota ocupa-se o A. de alguns sinais gravados, também do Gião, «estrêlas de quatro, sete e oito raios», que considera como representações de figuras astrais. Para as gravuras de sete ou oito raios sem esforço se admite que possam representar estrêlas; quanto ao sinal de quatro raios é possível atribuir-lhe outro ou outros simbolismos. Razões contudo deve haver que levaram o A. a considerá-lo como tal.

No terceiro trabalho, o A., professor ilustre da Universidade de Lisboa, a quem a Arqueologia portuguesa deve contribuições da maior valia, estuda em especial 75 sinais de tipo cruciforme, que, como é sabido, representam a esquematização da figura humana.

A extraordinária riqueza dos sinais dêste tipo permite ao A. separá-los em 14 grupos, tomando em linha de conta determinadas particularidades.

Faz a descrição de cada sinal e procura explicar o significado de cada um. Ali se vêem, segundo o A., representações masculinas, estilizações de mulheres, possivelmente ídolos, figuras em atitudes de dança, em adoração, uma provável representação dum indivíduo sentado, etc.

S. J.

F. BOUZA-BREY — O brazaletes posthallstático de Toén, sep. del número extraordinario del «Boletín de la Universidad de Santiago», dedicado al Prof. Rodríguez Cadarso, 8 págs., 1 fig., Santiago, 1934.

Na freguesia orensana de Santa Maria de Toén, debaixo duma pedra que se encontrava no emaranhado das raízes dum carvalho apareceu um bracelete de ouro puro com 71,5 gr. e com êle um fio enrolado igualmente de ouro e com 1 mil. de diâmetro.

O bracelete que o A. descreve em seguida tem 2 cm. de alto, é fenestrado verticalmente numa zona média, tendo dum lado e doutro, dois filetes lisos e nos bordos duas fiadas dum perlado fino obtido a punção.

Bouza-Brey faz eruditas considerações sobre os motivos ornamentais do bracelete, estabelecendo paralelismos vários, destacando em especial os que se referem às jóias encontradas na Galiza.

Pela técnica de manufactura do bracelete, pelos motivos que o ornamentam, e pela similitude e vizinhança com achados análogos da ourivesaria proto-histórica, conclue que o mesmo se deve incluir num período pre-romano já post-halstático.

S. J.

JÚLIO MARTINEZ SANTA-OLALLA — Esquema de la Arqueologia Visigoda — «Investigación y Progreso», VIII, Madrid, 1934.

Depois dum longo compasso de espera nas noções referentes à arqueologia da época bárbara na Península — compasso marcado mais acentuadamente em Portugal — experimentou emfim êsse

capítulo, graças aos trabalhos de Zeiss, Santa-Olalla, Perez de Barradas e Serpa Pinto, um apreciável avanço. Quantos achados dessa época, passaram, entre nós, como tipicamente romanos!

O prof. Santa-Olalla, baseado sobretudo nos resultados das escavações nas necrópoles de Herrera de Pisuerga (Palência) e Hinojar del Rey (Burgos) e em investigações nos Museus, admite três períodos arqueológicos, desde o século V ao século VIII, caracterizando o primeiro pela vinda dos elementos da Europa oriental (grupo *gótico*), o segundo pela evolução dêsses elementos (grupo *visigótico* — entre Eurico e Lisebuto), e o terceiro pela transformação sob o espírito bizantino e orientalizante (grupo *bizantino* de Suintila até o fim do reino visigótico). Fíbulas e placas de cinturão, além doutros objectos de metal e cerâmica, servem para a distinção dêsses grupos. Portugal aparece representado nesta classificação por peças de Beja, existentes no Museu de Belém.

M. C.

GEORGE C. ENGERRAND — The so-called Wends of Germany and their Colonies in Texas and in Australia — «The University of Texas Bulletin», Austin, 1934.

Os Vendos da Lusácia, território da Prússia e da Saxónia, não representam uma raça, no ponto de vista antropológico, mas constituem um grupo linguístico eslavo, que após a guerra se pretendeu incluir entre as minorias étnicas com direito a uma certa autonomia, mas que, na verdade, segundo o A., se encontra cada vez mais reduzido numericamente, sob a influência germânica.

O prof. Engerrand estuda nesta interessante monografia os Vendos na Alemanha e as suas colónias migratórias no Texas e na Austrália. É um estudo demográfico, histórico, político, linguístico, folklórico, etc. Os pequenos núcleos de Vendos no Texas podem, segundo o A., considerar-se separados do núcleo primário da Lusácia. Vão esquecendo as tradições e a língua, vão-se americanizando. Sobre os núcleos australianos, o prof. Engerrand tem menos elementos. É interessante que, em sua opinião, as migrações dos Vendos foram determinadas por motivos religiosos e não por factores políticos. Os Vendos do Texas são luteranos. A sua devoção religiosa é mais firme do que o seu apregoado sentimento nacional.

M. C.

DR. RENÉ MARTIAL — *L'immigration et le pouvoir de résorption de la France* — Extr. da «*Revue Anthropologique*», t. XLIII, Paris, 1933.

O dr. René Martial, encarregado do curso de imigração no Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina de Paris, defende nesta conferência, como noutros trabalhos seus, a necessidade duma política científica de imigração em França, política baseada tanto numa selecção racial como numa selecção de famílias e dos indivíduos. O A. não se atemoriza com a diminuição da natalidade no seu país, que considera uma coisa passageira, mas com o desvio do elemento agrícola para a indústria e para as cidades, porque foi do camponês francês que a França tirou sempre o seu fundo moral e o seu fundo físico. A resistência física do Ligure — escreve — a sua tenacidade moral, «a coragem nascida atrás da charrua», como disse muito exactamente Gaston Roupnel, ainda se encontram no camponês actual — mas é uma preciosa herança que não deve deixar-se desaparecer. Uma imigração *de boa qualidade* resolveria, em seu parecer, o problema.

M. C.

VICENTE RISCO — *Notas en col do culto do lume na Galiza*, sep. da «*Homenagem a Martins Sarmiento*», págs. 342-351, Guimarães, 1933; *Murguía*, sep. dos «*Arquivos do Seminário de Estudos Galegos*», VI, 42 págs., Sant'Iago, 1933.

Risco, porfiando no estudo inteligente dos velhos usos e costumes que os «labregos» da Galiza ainda conservam, dá-nos uma série de tradições e usanças referentes ao lume, que deixam transparecer um arreigado culto ao mesmo prestado desde remotas eras.

Pela simples enumeração dos capítulos e suas divisões ajuíza-se do interesse etnográfico deste trabalho.

I. *O fogar* — a) O lume é un ser vivente; b) O lume non debe ser profanado; c) O lume ten uma orixe celeste; d) As ánimas véñense quentar no lume; e) As bruxas véñense espaxer na lareira; f) Preparación e conservación do lume; g) Ofrendas e oraciós ao lume.

II. *Cerimonias públicas do culto do lume* — a) O folión; b) Os lumes de San Johan; c) Os lumes d'outras épocas; d) A beinzón dos campos.

III. *Virtudes do lume*.

Valorizam o trabalho numerosas citações bibliográficas de práticas semelhantes usadas em Portugal, na França e na Alemanha.

O segundo trabalho é uma esplêndida análise biográfica e bibliográfica, no que diz respeito sobretudo à personalidade de Murguía como historiador. Risco divide o estudo em 4 capítulos, que são respectivamente:

A significación histórica de Murguía; A vida; A persoa; A obra.

Este trabalho constitui com outros uma brilhante homenagem prestada à memória do nome ilustre de Murguía, o insigne patriarca galego, cujo centenário se celebrou em Maio de 1933.

S. J.

DR. J. R. DOS SANTOS JÚNIOR — *As telhas do teu telhado* (Nota etnográfica), in «*Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*», VI, Seición Folklore — Sant-Iago, 1933.

No folclore regional, tanto faz Português ou Galaico, a poesia popular, que brota espontânea e no estado de genuína pureza, sem retoque as mais das vezes, tem encontrado o sr. dr. Santos Júnior inexgotável veio, cuja exploração inteligente e artística lhe vale a publicação de algumas notas interessantes e excertos muito apreciáveis.

Este assunto, aparentemente singelo, fornece habitualmente, segundo o autor, motivo folclórico de-véras original para muitas quadras:

As telhas do teu telhado,
O mais delas tem virtude:
Passei por elas doente,
Logo me deram saúde.

É que as telhas possuem, na verdade, para as gentes significado, ora triste, ora alegre, em geral, sentido e comovente e, pode-se afirmar, em vista do trabalho deste etnólogo, já bem conhecido por outras produções congêneres, que elas têm valor etnográfico considerável e atingem até certo simbolismo que se deve conhecer. É porventura em tais pormenores, bem analisados, que se pode desvendar a íntima psicologia dum povo, sobretudo um povo como o nosso, rico de manifestações estéticas, que tanto distinguem e enobrecem o espírito popular, ainda ignorado por muitas pessoas.

O trabalho do sr. dr. Santos Júnior desenvolve-se em 20 páginas, abundantes de documentos, notas e transcrições, que valorizam extremamente a obra e enaltecem as trovas apreciadas, algumas de relêvo literário admirável, em relação à sua origem humilde.

São referidas também algumas práticas medicinais e supersticiosas em que as telhas interveem. A maior parte dessas práticas são transcrições, há porém algumas que foram colhidas directamente pelo A.

Os exemplos são bem escolhidos, dentre os cantares das províncias do Norte, e portanto revelam o carácter regional e a inspiração própria do povo que os dita.

BETHENCOURT FERREIRA.

LEONÍDIO RIBEIRO — *Polícia Científica* — 1 vol. de 400 págs., ilustrado. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1934.

Na Biblioteca Brasileira de Medicina Legal, dirigida pelo grande Mestre Afrânio Peixoto acaba de ser publicado um volume de Leonídio Ribeiro sobre *Polícia Científica*. O ilustre director do Instituto de Identificação do Rio de Janeiro, reuniu nesse livro, de grande interesse didáctico e documental, uma série de capítulos, seus e de colaboradores seus, sobre variados assuntos daquela disciplina. Com os srs. Cláudio de Mendonça e Felisbello Belletti, o prof. Leonídio Ribeiro expõe primeiramente os métodos de identificação, em especial pelas impressões digitais e pelas impressões de pés. Uma exposição, também desenvolvida e interessante, é feita em seguida pelo sr. Carlos Arroxellas Galvão sobre grafoscopia, moeda falsa, etc. A terceira parte do livro é pelo prof. Leonídio Ribeiro consagrada à organização dos laboratórios de polícia técnica, escolas de polícia, filmagem de locais do crime, investigação da paternidade, incêndios, identificação de armas de fogo, arquivo monadactilar, etc., expondo o autor nesses capítulos não só os seus trabalhos originais sobre tais assuntos, como os de outros cientistas brasileiros. O livro é uma bela demonstração do labor do país irmão nesses domínios.

Uma bibliografia ampla valoriza ainda as diferentes secções do importante tratado do prof. Leonídio Ribeiro.

M. C.
